

A TAREFA DA OUA É TERMINAR A BATALHA PELA

LIBERTAÇÃO POLITICA DOS POVOS DE ÁFRICA

— Presidente Samora Machel na 15.ª Cimeira da Organização da Unidade Africana

Durante a 15.ª Cimeira dos Chefes de Estado da Organização da Unidade Africana (OUA) realizada em Cartum, onde os problemas mais agudos que se vivem em África foram discutidos em várias sessões, o Presidente Samora Machel proferiu, na tarde do passado dia 19, o seguinte discurso:

Em nome do Povo e da República Popular de Moçambique, desejamos apresentá-las mais fraternais saudações a todos os Chefes de Estado e de Governo, a todos os delegados aqui presentes e, através deles, aos heróicos povos que representam.

Gostaríamos de apresentar uma saudação especial ao Povo e ao Governo do Sudão, pela sua hospitalidade calorosa e bem africana, que criaram as condições para a realização desta Cimeira. Esperamos que ela venha a contribuir para uma maior Unidade da África na luta anti-imperialista pela independência total do nosso continente.

Queremos nesta saudação felicitar Sua Excelência o Presidente Gaafar Numeiry, da República Democrática do Sudão, pela sua eleição para o cargo de Presidente em exercício da Organização da Unidade Africana, e afirmar-lhe que neste momento difícil da vida da nossa Organização e do destino do nosso continente, poderá contar com o nosso apoio total em todos os empreendimentos que sirvam a causa dos nossos Povos, a causa da Liberdade, do Progresso, da Paz e da Unidade da África.

A tradição de luta anticolonialista do Povo do Sudão, que em 1956 conquistou a sua independência contra o colonialismo britânico, é uma garantia de que

o Presidente Numeiry desempenhará um papel relevante na luta contra os últimos bastiões do colonialismo, contra o «apartheid» e contra as ameaças imperialistas que neste momento pesam sobre nós.

Desejamos agradecer ao Povo do Gabão pela solidariedade que demonstrou para com toda a África, ao organizar a última Cimeira da nossa Organização em Libreville. Os esforços empreendidos pelo Povo do Gabão para servir a causa da África, estimulam-nos a continuar o caminho da nossa emancipação total.

Excelências,

Quinze anos passaram desde que em 1963 a Organização da Unidade Africana foi constituída.

Neste espaço de quinze anos o número de Estados independentes no nosso continente cresceu de trinta e dois para quarenta e nove.

Estas vitórias não são o resultado de uma «benevolência» do colonialismo, ou de uma «boa-vontade» do imperialismo. Elas são o resultado do sangue vertido e dos sacrifícios consentidos no combate resolute dos nossos povos contra a dominação colonial e na luta pela construção da unidade entre os nossos Estados. Elas exprimem a realidade de que a OUA foi e conti-

nua a ser um instrumento efectivo de luta pela libertação do nosso continente. Estas vitórias são também o resultado da solidariedade e apoio daqueles que não sendo africanos sempre estiveram ao lado da África. Estas são por isso, também, e particularmente, vitórias dos países socialistas, de quem numerosas vezes a nossa Organização salientou o carácter exemplar da sua ajuda desinteressada. Estas são vitórias para nós e todos os nossos aliados. São, por consequência, derrotas para o colonialismo, o racismo e o «apartheid» em África, e para todas as forças que fora da África sempre apoiaram os nossos inimigos.

Nos últimos anos vencemos novas e decisivas batalhas. Esmagámos o colonialismo português depois de longos anos de guerra popular. Desmascarámos e neutralizámos a cumplicidade militar da OTAN, o apoio económico, político e diplomático do imperialismo ao colonialismo português.

Impusemos uma derrota aos racistas sul-africanos em Angola, e aí também desmascarámos os agentes da África do Sul e do imperialismo que se camuflavam de patriotas.

No apoio à luta pela independência e pela integridade territorial de Angola, porque ele correspondia às exigências dos interesses da África e do Povo Angolano, preservámos e consolidámos a nossa unidade e a nossa Organização. Quando o imperialismo nos quis dividir entre cúmplices da invasão sul-africana em Angola e defensores da independência de Angola, a África inteira rejeitou a aliança vergonhosa com a África do Sul, reconheceu e apoiou o Governo legítimo da República Popular de Angola. A África inteira orgulhou-se e apoiou os combatentes da Guiné-Bissau, da Nigéria, do Congo, da República da Guiné, que em terra angolana fertilizaram com o seu sangue a vitória da África contra os racistas de Pretória.

Os povos africanos igualmente apreciaram e valorizaram o sacrifício internacionalista do Povo Cubano, que unindo-se à determinação dos Povos Africanos, contribuiu para que, pela primeira vez, se impusesse uma derrota militar às tropas da África do Sul.

Os Povos Africanos souberam também valorizar os sacrifícios exemplarmente consentidos pela União Soviética e por outros países socialistas, pelo conjunto das forças democráticas e progressistas do Mundo, para edificar a vitória do Povo angolano.

Face à atitude de dignidade dos Povos Africanos, face à resolução dos nossos Estados na luta contra o colonialismo e o «apartheid», aparece, vergonhosa e mesquinha, a atitude de alguns que ainda pretendem continuar a abrigar e acarinhar os fantoches de Pretória, camuflados de patriotas.

Excelências,

O imperialismo não se resigna perante as vitórias da África. O imperialismo recusa-se a aceitar que os Povos do Zimbabwe, da Namíbia, da África do Sul, se tornem efectivamente independentes, senhores dos seus destinos e dos seus recursos.

O imperialismo opõe-se a que os Estados soberanos de África recuperem e utilizem a favor dos seus povos os seus recursos naturais, a sua força de trabalho e talento.

O imperialismo não se resigna — a sua natureza fundamental é a exploração. Para garantir esta explo-

ração, ele utiliza diferentes táticas: da agressão aberta à subversão, da desestabilização política à desestabilização económica, da corrupção, suborno e sedução, ao assassinato. Mas, subjacente a todas as manobras, ele utiliza como arma fundamental a divisão. Divisão dentro de cada país, divisão entre os Estados africanos, divisão entre a África e os seus aliados.

É nesta estratégia geral que hoje ele promove a tática de entre nós recrutar fantoches, com o objectivo de recolonizar a África. Esta foi a experiência de Angola quando traidores e renegados foram promovidos à categoria de dirigentes da causa de libertação. Esta foi e é a experiência do Zimbabwe, onde Smith necessita de se camuflar por detrás da cor negra de fantoches a fim de preservar a supremacia dos racistas brancos.

Neste aspecto saudamos os nossos ministros dos Negócios Estrangeiros por não terem permitido a presença dos fantoches do regime racista, na sua Conferência, e terem reconhecido na Frente Patriótica, o único e legítimo representante do Povo do Zimbabwe, assim afirmando a dignidade da África.

Na Comores, encontramos o exemplo da aliança despudorada entre fantoches e mercenários que conduz à legalização do desmembramento do país e permite que mercenários tristemente bem conhecidos se apresentem como membros dum governo africano. Gostaríamos também aqui de felicitar os nossos ministros dos Negócios Estrangeiros, que souberam afastar da sua Conferência a presença degradante dos representantes dos mercenários.

É dentro desta estratégia global de divisão que o imperialismo procura lançar os povos africanos uns contra os outros para a todos poder dominar.

Nos tempos da conquista e da partilha da África os colonizadores tentavam dividir-nos e comprar-nos com missangas e espelhos. Agora utilizam para nos dividir conceitos como a Francofonia, a Anglofonia e até mesmo a Lusofonia; jogam com promessas de ajuda, o suborno e a corrupção, o expansionismo, o chauvinismo, as guerras de conquista.

Quando isto não acontece, o imperialismo instiga, financia e promove os que considera moderados e realistas. Moderados significando subordinação aos interesses do imperialismo. Realistas implicando a capitulação nos princípios, o sacrifício dos interesses fundamentais de África e dos nossos povos.

Para recuperar as posições perdidas no continente, o imperialismo lança uma poderosa contra-ofensiva destinada a dividir a OUA, transformando alguns dos membros da OUA, alguns dos membros do grupo dos países não-alinhados, em seus representantes e agentes da OTAN.

Excelências,

O fundamento da OUA, o que une os Estados africanos, não deve ser a língua deixada pelos colonizadores, não devem ser as alianças com o imperialismo.

Une-nos, a experiência comum do sofrimento imposto aos nossos povos pelos colonialistas portugueses, franceses, belgas, ingleses, alemães, italianos e espanhóis. Une-nos, a humilhação, a miséria, a degradação moral e social, a pilhagem a que fomos submetidos pelos colonialistas portugueses, franceses, ingleses, belgas, alemães, italianos e espanhóis.

Alguns têm afirmado que os seus países ascende-

ram à independência de uma forma pacífica. Toda a independência em África está regada de sangue. Nós conquistámos a nossa independência através das armas, mas nós respeitamos todas as independências em África porque para as conquistar sangue foi vertido.

Une-nos o sangue que cada um dos nossos povos teve que verter para conquistar a independência nacional. Em todos os nossos países — no tráfico de escravos, no trabalho forçado, nas prisões e massacres — os nossos povos morreram para que as suas pátrias se tornassem independentes e a África se unisse. Une-nos o combate para finalizar a libertação política do nosso continente. Une-nos a determinação em edificar um futuro de prosperidade, justiça, liberdade e paz para os nossos povos. Une-nos a nossa resolução em libertarmos económica e socialmente os nossos países e o nosso continente.

Excelências,

Quando definimos a plataforma da nossa unidade estamos em condições de definirmos os nossos aliados, os nossos amigos, os nossos inimigos. Estamos em condições de saber distinguir claramente as alianças fundamentais e estratégicas dos compromissos táticos e transitórios. Estamos claros sobre as prioridades da nossa acção.

A colonização mental, a subserviência mental que alguns têm em relação às antigas metrópoles, leva-os muitas vezes a definir somente como estrangeiro à África, aquilo que é anticolonialista e anti-imperialista, aquilo que implica a rutura com os esquemas de dependência económica, cultural e social com as antigas potências coloniais.

Dentro deste esquema de pensamento, é estrangeira a ideologia que não é a do nosso antigo colonizador. São estrangeiros a cultura, o modo de vida, os gostos que não são os do nosso antigo opressor. São estrangeiras as armas que não vêm dos países membros da OTAN, especialmente daqueles países que escravizaram a África. Nesta lógica só são estrangeiros, só são contrários aos interesses da África, só violam o não-alinhamento, as bases, os pactos e acordos militares, as tropas e instrutores que não vêm dos países membros da OTAN, especialmente quando não vêm do antigo colonizador.

A subserviência conduz a estas aberrações mentais.

Na África Austral, o regime minoritário ilegal e racista da Rodésia massacra o Povo do Zimbábue, agride a República do Botswana, a República da Zâmbia, a República Popular de Moçambique, com as armas produzidas, vendidas, oferecidas, pelo imperialismo, especialmente pelos antigos colonizadores da África. Os milhares de mercenários que combatem no quadro das forças racistas rodésianas são livremente recrutados em países capitalistas, especialmente aqueles que colonizaram a África. Apesar das sanções decretadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, os países membros da OTAN, especialmente os que colonizaram a África, continuam a dar o apoio económico e financeiro necessário à sobrevivência do regime.

Também, alguns Estados africanos que se apresentam como defensores da não ingerência no nosso continente para preservar a independência da África, e se manifestam como porta-vozes de novos pactos militares, têm abertamente violado as sanções contra a

Rodésia, traíndo o dever da solidariedade africana.

A África do Sul racista ocupa ilegalmente a Namíbia, massacra o Povo da Namíbia, invade e agride Estados soberanos membros da OUA. As suas armas, as fábricas de armamento sofisticado que dispõe, são o resultado do apoio directo e aberto que recebe do imperialismo através da OTAN, especialmente daqueles países que no passado colonizaram a África.

Contra a vontade dos povos e da África, as mesmas tropas estrangeiras que ontem nos massacravam, ocupam partes do nosso continente, atacam e agredem os nossos povos, fazem grosseiras interferências nos nossos assuntos internos.

Neste quadro inscrevem-se as recentes ameaças militares contra a República das Seychelles e a República Democrática de São Tomé e Príncipe, a agressão contra o Sahara Ocidental.

Para desviar a atenção das suas agressões, o imperialismo, utilizando por vezes porta-vozes no nosso seio, desencadeia neste momento uma violenta campanha contra a ajuda internacionalista que países africanos, Cuba, e outros países socialistas, dão à batalha do nosso continente. Esta ajuda tem-se concentrado no apoio aos Movimentos de Libertação, no apoio à defesa da soberania e integridade territorial de Estados soberanos, que foram invadidos e agredidos em violação dos princípios da Carta da OUA e das Nações Unidas, das Resoluções da nossa Organização, e das Nações Unidas. Esta ajuda tem sido dada a movimentos de libertação que a pediram com o apoio da OUA.

Duma maneira geral, os Estados membros da OUA não produzem armas. De uma maneira geral o armamento dos nossos exércitos vem de países fora do nosso continente. Mas não é por acaso que o armamento dos movimentos de libertação, o armamento de muitos países que defendem a dignidade da África, de uma maneira geral provém dos países socialistas. Como não é por acaso que sejam os membros da OTAN a fornecer as armas com que ontem Portugal nos atacava, com que ontem e hoje a África do Sul e a Rodésia atacam a África.

Há dois anos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas fez um apelo à Comunidade Internacional para que reforçasse a capacidade defensiva de Moçambique, agredido pelos racistas. Nenhum país daqueles que hoje pretendem em África, ou fora de África, salvar o nosso continente de pseudo-ingerências exteriores, nos deu a mínima ajuda neste quadro. Constatamos que somente os Estados africanos que têm mantido bem alta a bandeira da luta anticolonialista e anti-racista, somente dos Estados socialistas temos recebido a ajuda material, a ajuda militar, a ajuda em instrutores que nos permitem reforçar a nossa capacidade defensiva.

Contra a vontade da Organização da Unidade Africana, condenadas pela Organização da Unidade Africana, tropas estrangeiras ocupam Mayotta, desmembrando um Estado africano, tropas estrangeiras ocupam Diego Garcia, tropas estrangeiras ocupam parte da República do Egipto.

Os que fazem isto são os mesmos que perpetraram o massacre de Sakyette em 1958 na Tunísia, os que massacraram o Povo tunisino quando este pretendia expulsar do seu território a base de Bejeria; são os mesmos que fizeram sete anos e meio de guerra contra o Povo argelino, são os mesmos que agrediram Marrocos quando fraternalmente apoiava a libertação

da Argélia, são os mesmos que apoiaram a secessão do Katanga e do Biafra, são os mesmos que invadiram o Egito quando foi nacionalizado o canal de Suez, são os mesmos que agrediram a República da Guiné em 1972, que organizaram e armaram os mercenários que invadiram o Benin, que apoiam as agressões contra o Povo do Sahara Ocidental, em toda a parte onde o povo se bate pela sua dignidade, o agridem.

Os que ainda não desistiram de recolonizar a África, não podem ser nossos aliados. Os que financiam, armam e apoiam a Rodésia racista e a África do Sul do «apartheid», não podem ser nossos aliados. Os que criam as condições para que a África do Sul exerça uma chantagem atômica contra a África, não podem ser nossos aliados. Os que permitem e apoiam o recrutamento de mercenários para lutar contra os Povos Africanos, não podem ser nossos aliados.

Excelências,

Os que abusivamente em nome da África, em capitais de países que agridem a África, pretendem criar pactos para desestabilizar e dividir o nosso continente, não representam a vontade dos nossos povos. Os que aceitam a manobra imperialista de transformar os africanos em seus mercenários, os que se empenham nas manobras para mudar a cor dos mercenários, não representam a África.

Excelências,

Os esforços da Organização da Unidade Africana têm-se dirigido desde a sua fundação para a libertação política do nosso continente. Nos últimos anos a luta anticolonialista e anti-imperialista alcançou grandes sucessos.

Os últimos vestígios do colonialismo em África encontram-se ameaçados e reduzem-se a uma pequena parte do nosso continente. Cabe-nos neste momento definir quais os objectivos que queremos alcançar no futuro.

A tarefa da OUA é terminar a batalha pela libertação política total dos povos africanos. A tarefa da OUA deve consistir em unir todos os seus membros para alcançarmos a meta estabelecida.

É uma batalha que decidimos desencadear conjuntamente em 1963. É uma tarefa fundamental na luta que fazemos contra o colonialismo e o imperialismo. Trata-se de um compromisso histórico que assumimos em relação aos povos que continuam subjugados pelo colonialismo e «apartheid».

Devemos no entanto traçar novas linhas que nos guiem, e recriem na OUA o dinamismo que caracterizou a luta contra a presença colonial em África.

Pensamos que a luta de libertação nacional em que nos encontramos engajados só cessará quando todas as forças de dominação imperialista forem liquidadas nos nossos países.

O combate contra a presença física do colonialismo ou do imperialismo deve ser prosseguido agora pelo combate pela nossa libertação económica e social.

Trata-se da luta pela afirmação da nossa personalidade africana.

Trata-se da luta pela recuperação do direito de

explorarmos os nossos recursos naturais em benefício dos nossos povos. Trata-se da luta pelo direito de livremente escolhermos o sistema político e económico que melhor nos serve. Trata-se da luta pela criação e consolidação de uma África libertada, e não-alinhada.

Para cumprirmos as novas tarefas que se nos colocam é fundamental elevarmos a nossa unidade. A nossa unidade está carregada de sangue e sacrifícios.

Para além da heterogeneidade política e ideológica dos vários países membros da OUA, unem-nos objectivos fundamentais. Eles são o cimento que pode colmatar a brecha por onde o imperialismo tenta penetrar para nos dividir e impedir de alcançarmos os objectivos prescritos na nossa Carta.

Vencemos já outras ofensivas do imperialismo. Vamos vencer a presente ofensiva. Libertaremos o Zimbabwe, a Namíbia, a África do Sul. Uniremos Mayotte à pátria Comoriana. Acolheremos entre nós o Sahara independente. Avançaremos resolutos e unidos na libertação económica e social do nosso continente.

A África será livre, será próspera, os nossos povos viverão em paz e na justiça. O imperialismo não passará.

A África triunfará.

A LUTA CONTINUA!

(De: "Noticias", Maputo, 1978-07-25)